

Herbert Marcuse e Georges Bataille em paralelo: a questão das incompatibilidades entre arte (cultura) e mundo do trabalho (civilização)

Anderson Barbosa Camilo*

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar as convergências entre o pensamento de Herbert Marcuse e Georges Bataille no que concerne à temática da tensão entre as esferas da cultura/arte e da civilização/mundo do trabalho. Almeja-se aqui pontuar questões de como, para ambos os autores, o universo das aspirações anímicas e espirituais do mundo da cultura e da arte se relaciona com o universo da necessidade da manutenção da vida em geral e do bem comum. Para realizar as convergências entre os autores referidos, tomaremos a noção de “cultura afirmativa” e “forma estética” segundo o pensamento de Marcuse, na medida em que ele afirma uma separação e oposição entre dois âmbitos da existência dos homens, o âmbito dos desejos e anseios da alma e o âmbito da manutenção das providências materiais e práticas. Tomaremos, por outro lado, as noções de Georges Bataille acerca das incompatibilidades entre o mundo do trabalho, no qual os homens são legislados por uma lógica da eficácia e da utilidade, e o mundo de uma existência autêntica, soberana e insubordinada, em que o universo artístico é pura expressão, sobretudo o literário.

Palavras-Chave: Civilização; Arte; Incompatibilidades; Soberania; Literatura.

Herbert Marcuse and Georges Bataille in parallel: the question of the incompatibilities between art (culture) and world of work (civilization)

Abstract

This paper aims to address the convergence between the thought of Herbert Marcuse and Georges Bataille regarding the theme of the tension between the spheres of culture / art and civilization / world of work. One hopes here scoring issues as to both authors, the universe of psychic and spiritual aspirations of the world of culture and art relates to the universe of the necessity of maintaining the general life and the common good. To realize the convergences between these authors, we take the notion of "affirmative culture" and "aesthetic form" according to Marcuse's thought, insofar as it affirms a separation and opposition between two spheres of men's existence, the scope of desires and longings of the

* Mestrando PPG Estética e Filosofia da Arte – UFOP. andersoncamilo96@gmail.com

soul and the scope of the maintenance arrangements and material practices. We will take, on the other hand, the notions of Georges Bataille about incompatibilities between the world of work, in which men are legislated by a logic of efficiency and usefulness, and the world of an authentic existence, sovereign and insubordinate, when the universe is pure artistic expression, especially literary.

Keywords: Civilization, Art; Incompatibilities; Sovereignty; Literature

Sobre o “caráter afirmativo da cultura” e a dissolução da “forma estética” em Marcuse

Herbert Marcuse, em um texto de 1937, *Sobre o caráter afirmativo da cultura*, aborda a noção de cultura afirmativa tomando como base o conceito de cultura que afirma uma separação e oposição entre as estruturas organizadoras da sociedade, superestrutura e infraestrutura. Separação e oposição entre, respectivamente, o mundo das aspirações anímicas e valores ideais e o mundo da necessidade das providências materiais. Segundo o autor, tal conceito de cultura

[...] joga o mundo espiritual contra o mundo material, na medida em que contrapõe a cultura enquanto reino dos valores e dos fins autênticos ao mundo social da utilidade dos meios. Por seu intermédio a cultura seria diferenciada da civilização e separada do processo social nos aspectos sociológicos e relativos aos valores³³⁹.

No entanto, mesmo que haja uma tensão entre as estruturas, entre “cultura” e “civilização” no vocabulário de Marcuse, a infraestrutura tem acesso aos valores ideais da superestrutura, do universo cultural. Esses ideais têm caráter de culto na cultura afirmativa burguesa, e são alcançados pela interioridade do homem.

Para Marcuse, a cultura é universal e abrigo para o imaterial, belo, bom e verdadeiro. Todos têm acesso a esse abrigo na cultura afirmativa.

Na medida em que o desprovido de finalidade e o belo são interiorizados e convertidos, com as qualidades da universalidade e da beleza sublime, nos valores culturais da burguesia, erige-se na cultura um reino de aparente unidade

³³⁹MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: *Cultura e Sociedade v. 1*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997, p. 95.

e aparente liberdade, onde as relações existenciais antagônicas devem ser enquadradas e apaziguadas³⁴⁰.

Na interioridade da alma é que os homens encontram os valores supremos, o que é “eternamente melhor”, sem precisar transformar a realidade da produção material e do trabalho (na cultura afirmativa os objetos culturais se encontram acima do cotidiano). Na era burguesa, o Belo e o Bom sendo encontrados na interioridade do indivíduo, se cria uma aparente liberdade, a liberdade interior, e os antagonismos presentes na realidade social e cotidiana são apaziguados. “A cultura reafirma e oculta as novas condições sociais de vida”³⁴¹.

Segundo Marcuse, fazer com que os indivíduos partilhem dos objetos da cultura burguesa torna-se uma exigência, uma vez que é do interesse do asseguramento das necessidades materiais que os indivíduos em meio ao mundo cotidiano concretamente desigual, legislado pela lógica do capital e das mercadorias, tenham a satisfação dos desejos de felicidade e de liberdade a nível anímico, por exemplo. Disso resulta uma igualdade abstrata entre os indivíduos factualmente desiguais. Essa exigência, como afirma Maria Teresa Cardoso de Campos, “faz parte do domínio da burguesia, que deve manter a igualdade abstrata dos indivíduos, para ocultar e manter a desigualdade concreta”³⁴². Na medida em que os objetos da cultura burguesa servem de “catarse” espiritual, em que se dá vazão, numa satisfação interior e abstrata, aos desejos impossíveis de serem realizados no âmbito material da civilização, é que reside o caráter afirmativo da cultura, como afirma Marcuse:

Cultura afirmativa é aquela cultura pertencente à época burguesa que no curso de seu próprio desenvolvimento levaria a distinguir e elevar o mundo espiritual-anímico, nos termos de uma esfera de valores autônoma, em relação à civilização. Seu traço decisivo é a afirmação de um mundo mais valioso, universalmente

³⁴⁰*Ibidem*, p. 96.

³⁴¹*Ibidem*.

³⁴²CAMPOS, Maria Teresa de. A arte como promessa em Herbert Marcuse. **Arte e Filosofia**. Ouro Preto, nº 8, p.161 – 166, abr. 2010, p. 161.

obrigatório, incondicionalmente confirmado, eternamente melhor, que é essencialmente diferente do mundo de fato da luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si “a partir do interior”, sem transformar aquela realidade de fato³⁴³.

Percebemos nas asserções de Marcuse sobre a cultura afirmativa, enquanto consolo para a existência prosaica e antagônica, que o autor toma o mundo da cultura e o mundo da civilização como opostos, mundo “espiritual” e mundo “material”. A felicidade, como exigência universal burguesa, tem que ser postulada enquanto ideal na cultura afirmativa, pois é condição para que o âmbito material se assegure, uma vez que, se, ao contrário, para satisfazer os desejos dos indivíduos fosse preciso dos bens materiais produzidos, haveria um caos na base material da civilização na era burguesa da qual fala Marcuse.

Segundo o autor, é na experiência estética que podem ser realizados os ideais culturais da burguesia, a satisfação “espiritual” pela aparência (*Schein*) da beleza. Marcuse afirma que “[...] somente na arte a sociedade burguesa tolerou a realização efetiva de seus ideais, levando-os a sério como exigência universal”³⁴⁴. A arte é uma forma de realização do que não se encontra na realidade dada. Para Marcuse, a arte é o lugar das fantasias, daquilo que não se encontra, e não deve se encontrar, no mundo material. Na arte, “[...] se permite o que na realidade dos fatos é considerado utopia, fantasia, rebelião. Na arte a cultura afirmativa revelou as verdades esquecidas, sobre as quais o realismo triunfa no cotidiano”³⁴⁵.

No mundo do trabalho, da civilização, as aspirações interiores e anímicas dos indivíduos são escamoteadas pelo frenesi do movimento da produção, pelos objetivos a serem alcançados no asseguramento e aquisição dos bens e do capital. E a experiência estética, segundo Marcuse, coloca o sujeito num mundo melhor ordenado. Desaliena o indivíduo da realidade prosaica e material.

³⁴³ MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. *Cultura e Sociedade v. 1*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997, p. 96.

³⁴⁴ *Ibidem*, p. 113.

³⁴⁵ *Ibidem*.

O indivíduo frui a beleza, a bondade, o brilho e a paz, a alegria vitoriosa; até mesmo a dor e o sofrimento, a crueldade e o crime. Vivencia uma libertação. Compreende e encontra compreensão, resposta a seus instintos e demandas. Ocorre um rompimento privado da reificação. Na arte não há precisão de ser realista: nela o importante é o homem e não sua profissão ou sua posição. O sofrimento é sofrimento, e a alegria, alegria. O mundo reaparece como aquilo que é por trás da forma mercadoria [...] ³⁴⁶.

A sensibilidade artística é distinta daquela que encontramos no mundo prosaico, conforme Marcuse, e isso fica marcado desde a tese de doutorado do filósofo em questão, *Der Deutsche Kunstler roman* (O romance do artista alemão). Sobre esse aspecto, Imaculada Kangussu afirma que “[...] o artista possui um estilo de vida particular, e isto é tomado como evidência de que as outras formas de existência social não são adequadas ao ser interior, à essência, do artista” (KANGUSSU, 2005, p. 346).

A experiência estética, por ser diferente da experiência instrumental, promove uma “re-experiência” da natureza no sujeito alienado na sociedade capitalista. A experiência estética faz o sujeito voltar-se para a sua interioridade, ela desautomatiza aquele que dela frui, e para Marcuse esta experiência está ligada à própria forma da arte, à “forma estética”.

Em um texto de 1973, *Arte e Revolução*, em que critica os interesses da revolução cultural do início dos anos 70 de propor uma dissolução da “forma estética”, Marcuse afirma que: “Forma estética significa o total de qualidades (harmonia, ritmo, contraste) que faz de uma obra de arte um todo em si, com uma estrutura e uma ordem próprias (estilo)” ³⁴⁷. A ordenação da “forma estética” é diferente da ordenação dos homens no mundo da produção material: é a ordem das cores, dos ritmos, dos contrastes, da harmonia.

Na arte, segundo Marcuse, a realidade se configura de outro modo, ela é transfigurada, e “essa transfiguração cria um universo fechado sobre si mesmo; por mais realista, naturalista que seja, continuará sendo o *outro* da realidade e natureza” ³⁴⁸. Os elementos e as

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 119.

³⁴⁷ MARCUSE, Herbert. *Arte e Revolução*. In: *Contra-Revolução e Revolta*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1973, p. 83.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 88.

relações que nos rodeiam na realidade prosaica encontram-se na arte, mas articuladas diferentemente, imersas na ordem da “forma estética”.

Vemos que, para Marcuse, a arte está distante da realidade cotidiana das necessidades materiais, e essa distância é o que faz a arte ser arte segundo o autor, pois nela sempre será criada uma “outra” realidade, sempre se faz menção à algo que é “outro”, distante do que já nos é dado. E isso é proporcionado pela “forma estética”, pela própria harmonia e leis internas da arte.

A arte, ao se remeter à algo que é “outro” através da “forma estética”, possui um poder libertador. Trata-se aqui de uma liberdade interior, na alma do indivíduo. No contato com “outra” realidade na experiência estética, a realidade artística da fantasia, há uma transformação interna, tal como afirma Marcuse:

[...] a arte abre a realidade estabelecida a uma outra dimensão: a da possível libertação. Certo, isso é ilusão, *Schein*, mas uma ilusão em que outra realidade se manifesta. E somente o faz se a arte for deliberadamente ilusória – como um mundo irreal diferente do estabelecido³⁴⁹.

Para ele, nessa medida, a arte aliena o indivíduo da existência ordinária, o aliena da alienação que vive na realidade monopolística do capitalismo. Nessa segunda alienação, alienação artística, é que se mostra a potência crítica da arte. Segundo Marcuse,

a alienação artística torna a obra de arte, o universo da arte, essencialmente irreal – cria um mundo que não existe, um mundo de *Schein*, aparência, ilusão. Mas nessa transformação da realidade em ilusão e somente nela, a verdade subversiva da arte se manifesta³⁵⁰.

Conceber um caráter subversivo na arte em relação ao nosso estado de coisas na sociedade, pelo fato da arte fazer menção à uma “outra” realidade em seu universo artístico, nos incita a pensar, sobretudo, em uma questão: o movimento da mão do artista que cria a obra de arte, quer seja pintura, escultura, literatura ou música, é um movimento diferente, até mesmo oposto, da lógica da produção, de acumular bens e inclusive de acumular a energia

³⁴⁹*Ibidem*, p. 89.

³⁵⁰*Ibidem*, p. 98.

dos homens no intuito de que eles possam produzir mais e serem eficientes na realidade do trabalho. É nessa esteira que o pensamento de Marcuse a respeito da relação problemática entre arte e vida prática encontra convergências com as ideias do pensador francês Georges Bataille.

Georges Bataille e a leviana insubordinação da literatura

Conforme a letra de Bataille, existe uma antinomia entre o universo da ação eficaz do homem no mundo, da atividade prática, e a existência em seu transbordamento, em sua nudez, que sobrevive na arte, sobretudo na literatura, sem ser sobredeterminada pela lógica da eficácia. Para Bataille, o universo dessa existência transbordante, que em outros termos a designa como “vida sem medida”, “uma vida que conta por si só e que é por si só o sentido de toda a humanidade”³⁵¹, que está mais além da atividade produtiva³⁵². Esta, conforme Bataille, só é possível pela ação. No mundo da *práxis* os homens estão *agindo* a todo tempo, é pela ação que as condições materiais da sociedade são asseguradas.

Bataille analisa o teor da relação da existência dos homens com o universo da ação, e seu diagnóstico é de que “tais homens confundem ação com vida”³⁵³. Desta forma, “como suportar que a *ação*, em formas tão lamentáveis, consiga ‘escamotear’ a vida?”³⁵⁴.

O mundo no qual vivemos, “limita seus desejos ao sono”³⁵⁵. Segundo o autor francês, os homens no mundo estão numa espécie de torpor, de inércia, de sono, em que “uma necessidade de esquecer, de não reagir mais, supera o desejo de viver”³⁵⁶. A quem se depara

³⁵¹ BATAILLE, Georges. Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor. In: *Gratuita vol. 1*. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2012, p. 284.

³⁵² *Ibidem*.

³⁵³ *Ibidem*.

³⁵⁴ *Ibidem*.

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 283.

³⁵⁶ *Ibidem*.

com um mundo assim, “refletir sobre o inevitável ou simplesmente tentar não dormir mais: o sono parece mais desejável”³⁵⁷.

Para Georges Bataille, esse torpor é o resultado do homem se consagrar sem medida à ação, como subterfúgio à noite densa na qual a existência e o mundo se abrem em sua verdade, na medida em que diz: “Acho honesto afirmar que nada sei sobre quem sou, sobre meus semelhantes, nem sobre o mundo em que estamos: aparência impenetrável, luz tênue vacilando na noite sem limites que nos cerca por todos os lados”³⁵⁸.

O problema para Bataille é o do homem se consagrar sem medida à ação, pois nela o homem encontra o subterfúgio, igual ao sono, à noite densa do mundo, e na lógica da eficácia e utilidade, própria da ação, “donde, inicialmente, a vantagem de se entregar por inteiro a ela, de mentir e não ter restrições”³⁵⁹ parece ser o mais aprazível. O pensamento da atividade (atitude) útil e eficaz está implícito no universo da ação do qual fala Bataille. Para Bataille, o mundo da ação e do trabalho se constitui segundo uma mesma lógica: a da eficácia para manter a vida dos homens e os bens assegurados.

Conforme o autor, a civilização³⁶⁰ se caracteriza como a saída do homem da animalidade, uma saída do âmbito da violência³⁶¹. Entre tantas características que marcam essa saída, uma delas é o trabalho, a fabricação de instrumentos e suas utilizações para os fins de sobrevivência. Junto com o trabalho veio a coletividade visando o mesmo fim de

³⁵⁷*Ibidem*.

³⁵⁸*Ibidem*, p. 286.

³⁵⁹*Ibidem*, p. 284.

³⁶⁰ Georges Bataille retoma o conceito de civilização de Freud em *O Mal estar da civilização*. Segundo Freud, “civilização’ designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si”. FREUD, Sigmund. *Omal-estar da civilização. Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 48*. Freud ainda diz, “Após o homem primitivo descobrir que estava em suas mãos - literalmente - melhorar sua sorte na Terra mediante o trabalho, não podia lhe ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele”. FREUD, Sigmund. *Omal-estar da civilização. Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 61*.

³⁶¹BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 40.

sobreviver, pois o homem teve consciência de que morreria se estivesse individualmente jogado à sorte em meio à natureza.

É no afastamento da violência da vida dos homens, assegurando a sobrevivência de todos, que o mundo do trabalho se constituiu, e a ação na realidade prática é de suma importância, pois à todos é necessário agir para que o mundo do trabalho seja mantido e a vida dos homens esteja fora de perigo. Uma lógica da eficácia, dos meios para os fins, impera no mundo do trabalho e da ação. "[...] o trabalho exige um comportamento em que o cálculo do esforço, ligado à eficácia produtiva, é constante. Ele exige uma conduta sensata, onde os movimentos tumultuosos que se liberam na festa, e geralmente no jogo, não são decentes"³⁶². Bataille ainda diz: "Desde os tempos mais remotos, o trabalho introduziu uma pausa em cujo nome o homem deixava de responder ao impulso imediato que comandava a violência do desejo"³⁶³. Sobre esse aspecto, Eduardo Pellejero vem afirmar que

[...] numa época em que o homem se descobria no-mundo, como parte de uma estrutura intersubjetiva complexa, que exigia a sua solidariedade para a realização da humanidade na história, Bataille postulava a soberania de um desejo sem compromissos, totalmente autônomo na sua consumação sem objetivos³⁶⁴.

Para Bataille, a propensão excessiva da ação sobredetermina a vida, deixa de ser o meio para mantê-la e torna-se seu sentido. O mundo do trabalho e o mundo da ação são equivalentes segundo o autor, pois neles está instaurada uma lógica da utilidade e do regramento do homem, que tem em vista um fim, a manutenção da vida e do bem comum. Todavia, Georges Bataille não que reduzir o mundo da ação e do trabalho às cinzas, uma vez que reconhece que ambos são meios para que a vida continue, e que em tempos de humilhação e coerção é necessário agir para mudar tal situação.

³⁶²*Ibidem*, p. 38.

³⁶³*Ibidem*.

³⁶⁴PELLEJERO, Eduardo. Simpatia pelo demônio. Bataille e a insubordinação da literatura. **Revista investigações**, vol. 24, jan. 2011, p. 223.

O que Bataille coloca como problema é o valor da ação ser superestimado, ser tomado sem medida, o que a faz ser postulada como sentido último da existência, mais uma vez, sendo confundida com a vida. “Evidentemente, a ação só pode ter valor *na medida* em que tem a humanidade como razão de ser, mas ela raramente aceita essa medida: pois a ação, de todos os ópios, é o que provoca o sono mais pesado”³⁶⁵. Para Bataille, há uma incompatibilidade latente entre uma existência autêntica e o universo da ação.

Sobre o problema das incompatibilidades, Georges Bataille afirma: “Essa incompatibilidade da vida sem medida e da ação desmedida é, a meu ver, decisiva. Tocamos no problema cujo ‘escamoteamento’ contribui, sem dúvida, para o avanço cedo de toda a humanidade no presente”³⁶⁶. Nessas palavras, vemos que Georges Bataille dá primazia à vida sem medidas, para ele existência autêntica, pois, em sua plenitude, livre de qualquer fim para além dela mesma, distante da lógica da utilidade e da eficácia, é livre de qualquer sobreterminação: é insubordinada e soberana.

A questão das incompatibilidades é uma exigência para o pensamento de Georges Bataille, e para o autor o alcance dessas incompatibilidades se traduz no debate entre literatura e compromisso. Debate este que se inscreve no segundo pós-guerra, no confronto com a filosofia francesa existencialista, época em que Bataille publica *A literatura e o Mal* e escreve a *Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor*.

Para Bataille, a relação entre literatura e compromisso é essencialmente incompatível, pois o movimento da escrita e da fruição literária – ou se quiser, das artes – é oposto ao movimento das forças que os homens empregam no mundo da *práxis*, pois neste as forças dos homens estão consagradas à ação. Há claramente, nesta questão, uma convergência com a posição de Marcuse a respeito da distância entre arte e realidade prática, pois, para este, a “forma estética” assegura que a arte, na sua produção e fruição, permaneça distante

³⁶⁵BATAILLE, Georges. Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor. *Gratuita vol. 1*. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2012, p. 284.

³⁶⁶*Ibidem*, p. 285.

do mundo prático e material ao mostrar “outra” realidade através das obras estéticas. Georges Bataille e Herbert Marcuse confluem no ponto em que na experiência artística o caráter utilitário está diluído, deita-se por terra a lógica da produção e da utilidade, dos meios para os fins.

No que concerne ao pensamento batailleano, a experiência literária é uma experiência vertiginosa do transbordamento, do excesso, que ultrapassa o princípio de eficácia e de serventia ao projeto social, baseado na ordem racional que legisla a lógica do mundo da ação e do trabalho, os quais determinam fronteiras e limites até onde possamos ir em prol do asseguramento dos bens.

Tendo em vista essa perspectiva de Bataille, da arte ligada a momentos em que não se relaciona com os interesses da atividade produtiva, e da lógica que mantém o bem comum, François Warin afirma que surge uma importante questão ao pensarmos a literatura: o problema da linguagem³⁶⁷.

Para Georges Bataille, a linguagem não consegue dar conta da experiência soberana da qual a literatura é expressão, uma vez que a linguagem se situa no plano da “significação”, de designar, ou seja, de por formas, limites³⁶⁸. Então, a literatura enquanto experiência do transbordamento constitui um vazio no seio da linguagem. Bataille se refere à Sartre e no seu escrito sobre literatura e engajamento (*Que é a literatura?*). Esse vazio no seio da linguagem, pela experiência literária, se dá na medida em que “a linguagem ‘é um momento particular da ação e não se compreende fora dela’”³⁶⁹.

Sobre isso, Warin afirma que só a literatura comprometida se aproxima dos interesses da linguagem, no sentido de significar, “inteiramente comprometida com o modo de

³⁶⁷ WARIN, Jean-François. Georges Bataille e a maldição da literatura. **Discurso**, Revista do departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Ano V, N° 5, 1974, p. 55 – 63.

³⁶⁸ BATAILLE, Georges. Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor. *Gratuita vol. 1*. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2012.

³⁶⁹ SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. São Paulo: Ática, 1993, p. 143.

existência do projeto, comandado pelo desejo de sentido [...]”³⁷⁰. Nessa medida é servir-se da literatura, tal como de uma arma³⁷¹.

Sartre considera que, através da literatura, os homens podem sentir o peso em que sua liberdade está inserida, na medida em que se desvenda o mundo, e este tendo lhe sido desvendado pela escrita literária, cada um está comprometido com ele, cabe a cada um decidir o que fazer com ele. “Quanto a mim, que leio, se crio e mantenho em existência um mundo injusto, não posso fazê-lo sem que me torne responsável por ele. E toda arte do autor consiste em me obrigar a *criar* aquilo que ele *desvenda* – portanto, em me comprometer”³⁷².

O mundo histórico da práxis então é colocado em jogo na literatura segundo Sartre, e somos imputados a comprometer-nos com ele. A literatura assume uma tarefa ética, um imperativo, na medida em que promove aos homens a descrição e conhecimento da realidade. A literatura para Sartre tem uma função, ela deve servir utilmente ao mundo.

Georges Bataille toma como base essa noção sartreana da literatura ligada ao caráter de serventia, sobredeterminada pelo âmbito da ação e da linguagem enquanto ação e significação, para levantar a relação incompatível da lógica dos meios para os fins com a literatura enquanto experiência insubordinada à serventia, experiência do inútil.

Para Georges Bataille, na linguagem da literatura só o silêncio e as trevas se estendem³⁷³. A literatura, perversamente, parece configurar de outro modo a linguagem. Neste ponto percebemos uma relação com o que Marcuse fala da arte articular em seu universo os elementos do mundo prosaico, mas segundo uma “outra” ordem, que para Marcuse é a da “forma estética”.

³⁷⁰WARIN, Jean-François. Georges Bataille e a maldição da literatura. **Discurso**, Revista do departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Ano V, Nº 5, 1974, p. 57.

³⁷¹*Ibidem*, p. 58.

³⁷²SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. São Paulo: Ática, 1993, p. 50.

³⁷³BATAILLE, Georges. Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor. *Gratuita vol. 1*. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2012, p. 288.

François Warin vem afirmar que, tal como o erotismo que perverte a reprodução, a literatura “repousa sobre o uso deliberadamente ilegal, perverso da linguagem”³⁷⁴. Segundo Warin, a literatura é para Bataille a vontade de exceder os limites da própria literatura. Nietzsche dizia: “De que vale um livro que não nos transporte além dos livros?”³⁷⁵.

Tendo em vista essa experiência do transbordamento da literatura, se faz pensar que “[...] mesmo se o jogo literário fosse reduzido, subordinado à ação, ainda assim restaria nele algo de prodigioso!”³⁷⁶. Mais uma vez ressaltamos que Bataille não quer deitar por terra o universo da ação, ele reconhece o valor da ação e inclusive do compromisso em tempos de fome, de extermínio, de humilhação, mas se há razões para comprometer-se à ação, “se há razões para agir, é preciso expressá-las da maneira menos literária possível”³⁷⁷. Ou seja, se há uma razão para agir factualmente no mundo da práxis, é necessário dizê-la o menos *artisticamente* possível.

Para Marcuse, a arte mostra uma “outra” realidade diferente da realidade prosaica da produção e da eficácia, ou seja, não se reduz à esta. No mesmo sentido, a literatura, enquanto linguagem artística, para Bataille, não mostra uma adequação aos interesses da realidade prática da sociedade.

- Se damos prioridade à literatura, devemos ao mesmo tempo reconhecer que não nos preocupamos muitos com o aumento dos recursos da sociedade.
- Qualquer um que se encarregue de atividades úteis – no sentido de um aumento geral das forças – assume interesses opostos aos da literatura³⁷⁸.

³⁷⁴ WARIN, Jean-François. Georges Bataille e a maldição da literatura. **Discurso**, Revista do departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Ano V, Nº 5, 1974, p. 58.

³⁷⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001, p. 181.

³⁷⁶ BATAILLE, Georges. Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor. *Gratuita vol. 1*. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2012, p. 288.

³⁷⁷ *Ibidem*, p. 289.

³⁷⁸ *Ibidem*, p. 290.

O que podemos entender do fato da questão das incompatibilidades da literatura ser decisiva para Georges Bataille, que se remete à ela para responder ao problema das incompatibilidades entre uma existência soberanamente plena e uma existência completamente submetida à lógica da utilidade do universo da ação, é que o escritor expressa o âmbito em que o homem se reencontra naquilo que está para além do peso da sobre-determinação coercitiva no mundo da ação eficaz. Segundo Bataille, o homem, inserido na prática da literatura, como escritor ou leitor, tem contato com a expressão do que ele é soberanamente, longe da lógica da utilidade.

Independentemente da vontade do escritor, o espírito da literatura está sempre do lado do desperdício, da ausência de meta definida, da paixão que rói sem outro fim a não ser ela mesma, sem outro fim a não ser continuar a roer. Como toda sociedade busca a utilidade, a literatura está sempre na contramão, a não ser quando é considerada, por mera indulgência, um passatempo menor³⁷⁹.

Conclusão

Portanto, percebemos que há uma possível relação entre as ideias do filósofo alemão Herbert Marcuse e o pensador francês Georges Bataille acerca da tensão entre arte e *práxis*. Mesmo que haja por parte de cada autor uma atenção a objetos diferentes – por um lado o desenvolvimento de Marcuse sobre o conceito de “cultura afirmativa” e sua crítica à dissolução da “forma estética”, e, por outro lado, Bataille e sua defesa do estatuto da literatura ligada a uma experiência autêntica e soberana que não diz respeito a qualquer compromisso com o mundo da *práxis* e com a lógica da eficácia – vemos que ambos os autores circundam sobre uma mesma temática: a do universo artístico nos proporcionar uma experiência distante daquela regulamentada pela ordem do trabalho, da mercadoria e do capital, em que nos encontramos em meio à sociedade. Nessa perspectiva, podemos afirmar que, para Marcuse e Bataille, a experiência estética, tanto na produção quanto na fruição, nos liberta da lógica da eficácia e dos meios para os fins.

³⁷⁹*Ibidem.*

Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. Carta a René Char sobre as incompatibilidades do escritor. *Gratuita vol. 1*. Tradução de Guilherme Freitas. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2012.

_____. *O erotismo. Tradução de Antonio Carlos Viana*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CAMPOS, Maria Teresa de. A arte como promessa em Herbert Marcuse. **Arte e Filosofia**. Ouro Preto, nº 8, abr. 2010, p.161 – 166.

FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização. *Obras completas volume 18*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KANGUSSU, Imaculada. Sobre a alteridade do artista em relação ao mundo que o cerca, segundo Herbert Marcuse. **KRITERION**. Belo Horizonte, nº 112, dez. 2005, p. 345 – 356.

MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. *Cultura e Sociedade v. 1*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

_____. *Arte e Revolução. Contra-Revolução e Revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1973.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.

PELLEJERO, Eduardo. Simpatia pelo demônio. Bataille e a insubordinação da literatura. **Revista investigações**, vol. 24, jan. 2011, p. 221 – 235.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993.

WARIN, Jean-François. Georges Bataille e a maldição da literatura. **Discurso**, Revista do departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Ano V, Nº 5, 1974.p. 55 – 63.